

The image features a minimalist design on a teal background. A vertical teal line is on the left. A horizontal yellow bar is positioned below the text. A vertical yellow line is to the left of the word 'Escola'. A horizontal black line is below the yellow bar. A vertical black line is to the left of the word 'Escola'. A horizontal teal line is at the bottom. A vertical teal line is on the far left.

Biblioteca

na

Escola

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Diretora de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

Coordenadora Geral de Estudos e Avaliação de Materiais

Jane Cristina da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pereira, Andréa Kluge

Biblioteca na escola / elaboração Andréa Kluge Pereira. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

57 p.

ISBN 85-98171-51-4

1. Biblioteca escolar. 2. Função da escola. 3. Educação do leitor. 4. Estímulo à leitura. 5. Interesse na leitura I. Brasil. Secretaria de Educação Básica. II. Título.

CDU 027.8

028.6

**Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica**

Biblioteca na Escola

**Brasília
2006**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Elaboração

Andréa Kluge Pereira

Colaboração

Maria José Nóbrega

Equipe Técnico-pedagógica

Andréa Kluge Pereira

Cecília Correia Lima

Elizângela Carvalho dos Santos

Ingrid Lílian Fuhr Raad

Jane Cristina da Silva

José Ricardo Albernás Lima

Maria José Marques Bento

Tayana de Alencar Tormena

Equipe de Informática

Áleny de Abreu Amarante

Leandro Pereira de Oliveira

Foto

Luiz Dantas

Projeto Gráfico, Editoração e Revisão

Sygma Comunicação e Edição

Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental

Coordenação-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sala 612

Brasília - DF

CEP: 70.047-900

Telefone: (61) 2104-8636

comdipe.seb@mec.gov.br

Sumário

A formação de leitores autônomos	7
1 . O espaço de leitura	9
2. As várias possibilidades da leitura	19
3. A apropriação do texto escrito	23
4. Ampliando as leituras – algumas possibilidades	27
5. O que pode fazer a escola	45
6. Conhecendo um pouco mais	47
Bibliografia	57

A formação de leitores autônomos

Este documento tem por objetivo discutir com professores e mediadores de leitura o papel da escola na formação de leitores competentes. Nele, apontamos questões como a formação da biblioteca escolar, a leitura de diferentes gêneros de texto, as diferentes formas de leitura, entre outras. Apresentamos algumas sugestões de trabalho e também de obras que poderão auxiliá-los na tarefa de apoiar os alunos para que transformem suas leituras em instrumento de formação, de construção de conhecimentos e participação na sociedade letrada.

A formação de leitores autônomos envolve uma série de habilidades e competências que devem ser desenvolvidas ao longo dos anos na e pela escola. Ler é apreciar, inferir, antecipar, concluir, concordar, discordar, perceber as diferentes possibilidades de uma mesma leitura, é estabelecer relações entre diferentes experiências – inclusive de leitura. Por tudo isso, ler é, antes de tudo, um direito. É papel da escola e do professor proporcionar aos alunos todas as oportunidades de acesso às práticas sociais que se realizam, principalmente, por meio do texto escrito. Por isso estamos fazendo chegar à escola este texto, e esperamos que ele seja um passo para o desenvolvimento de ações efetivas de leitura no ambiente escolar.

1. O espaço de leitura

O ideal é que a escola tenha um local destinado ao armazenamento de livros e de outros suportes impressos que permita aos alunos vivenciar a experiência da leitura em um espaço privilegiado como a biblioteca ou a sala de leitura. É importante prever esse espaço no momento da construção ou reforma dos estabelecimentos de ensino. Uma biblioteca bem organizada, especialmente construída ou reformada para acolher livros e seus leitores é, com certeza, o primeiro estímulo para a leitura. Isso, no entanto, nem sempre é possível. Mas existe a possibilidade de se fazer adaptações e encontrar soluções criativas de forma a oferecer a alunos, professores e à comunidade escolar um lugar agradável e prático para a leitura e guarda organizada de livros e periódicos.

9

Se sua escola não dispõe de uma **biblioteca ou de uma sala de leitura**, vamos dar algumas dicas para ajudá-lo a encontrar alternativas.

Procure identificar, na escola, um local que tenha as seguintes características:

- 1. seja **seco e arejado**, para evitar danificar as obras;*
- 2. seja bem **iluminado**. Paredes e teto claros facilitam a difusão da luz. Sempre que possível, mantenha portas e janelas abertas. Utilize a iluminação natural, desde que os raios solares não atinjam os livros diretamente.*



Se não for possível um espaço exclusivo para a biblioteca, mas houver uma sala maior, talvez seja apropriado dividi-la com estantes; nesse caso, será preciso contar com o silêncio do outro lado da sala também.

É possível pensar em uma organização na qual livros e leitores ocupem espaços distintos. Isso pode dar um pouco de trabalho, mas vale a pena. Procure um lugar onde seja possível acondicionar as obras, de preferência com espaço para os leitores transitarem. Em outra sala, coloque mesas, cadeiras, almofadas, bancos, para que os leitores possam ler acomodados. Se também não houver um local fechado, e se os livros estiverem em outro espaço, você pode criar um ambiente agradável à leitura ao ar livre, como o pátio da escola, ou, ainda, uma varanda.

10

Já se a opção for a sala de aula, ela pode receber estantes, caixas de madeira ou papelão forradas, ou até mesmo umas sapateiras – daquelas utilizadas nas aulas de Matemática – estrategicamente dispostas em um canto agradável da sala.

Localizado o espaço, é hora de pensar em **organizá-lo**. Como o objetivo é que os visitantes – alunos, professores, pais, comunidade – tenham acesso às obras, é necessário expô-las de forma organizada e ao mesmo tempo prática.

O primeiro contato com o livro é visual, por isso, procure deixar um bom número de obras dispostas com a capa voltada para frente, de forma a despertar a curiosidade dos leitores.

As estantes podem ser de alumínio, de madeira, improvisadas com cordas e madeira ou, ainda, com tijolos. Algumas providências, no entanto, são importantes:



- 1) as estantes devem ficar longe de portas e janelas, para evitar chuva, sol, vento;*
- 2) elas devem ser abertas - vazadas - para garantir a ventilação;*
- 3) devem ficar a, pelo menos, 30 centímetros do chão, para evitar umidade, garantir a ventilação e facilitar a limpeza do piso;*
- 4) é importante que a altura das prateleiras destinadas aos livros infantis seja proporcional à altura dos alunos, facilitando o acesso;*
- 5) se for possível, mantenha as estantes longe das paredes, para evitar mofo e umidade.*
- 6) para garantir a participação e empenho de todos, organize com os alunos as regras para o uso do espaço para leitura, inclusive quanto à retirada de livros das estantes.*

Agora é a vez de preparar o **espaço para a leitura**. É importante que leitores de diferentes idades, com interesses distintos e que procuram a leitura por motivos diversos, se sintam recepcionados. Como os motivos que levam o leitor a procurar uma biblioteca ou espaço de leitura diferem, este local deve contar com cadeiras e mesas para estudo individual, mesas redondas para estudo em grupo e também um local para aqueles que querem apreciar um bom livro. É



comum a utilização de almofadas, pequenos sofás, tapetes ou esteiras, de forma a proporcionar conforto ao leitor em um momento de lazer.

A organização do espaço para a leitura é importante para que os leitores se sintam acolhidos. Uma sugestão que funciona muito bem é separar um pequeno quadro de avisos (ou quadro negro) para que os leitores deixem seus recados ou suas impressões sobre as obras, como indicações de leitura e até mesmo críticas. Essa prática proporciona a interação entre os leitores e incentiva a leitura crítica e participativa. É importante que a pessoa responsável pelo espaço estimule e oriente a organização deste quadro, para que as informações sejam úteis e variadas.

Espaço de Leitura



Vamos, então, à **composição e organização do acervo**. Ele deve ser o mais diversificado possível, para contemplar os mais diferentes interesses, gostos, motivações. Assim, quanto maior for a diversidade de títulos disponíveis no acervo, maior a probabilidade de ampliação do universo de referências do leitor. Além de livros e revistas, procure incluir outros suportes como DVD, CD, pôsteres, cartazes, fotografias, reproduções de obras de arte.

Na maioria das vezes, não será possível ter um acervo tão completo como o que sugerimos a seguir, mas o importante é começar devagar e, aos poucos, ir adquirindo - por compra, troca ou doação - obras, móveis e equipamentos.

Como nossa base ainda é o texto escrito, em especial o livro, vamos nos deter

na organização desse tipo de obra. É preciso organizar os volumes para facilitar o empréstimo e o controle da devolução. Isso não é difícil. Basta começar a separação por tipos de obras. Nossa sugestão é que sejam, em média, cinco tipos:

- 1) obras de referência - enciclopédias, dicionários, atlas, gramáticas, catálogos;*
- 2) periódicos - jornais e revistas (de informação geral, técnicas, histórias em quadrinhos, especializadas, de divulgação científica);*
- 3) documentários - ensaios, biografias e autobiografias, relatos de viagem, livros de arte, culinária, variedades, paradidáticos;*
- 4) outras coleções – obras teóricas de apoio ao professor, fotografias, mapas, reproduções de obras de arte, cartões postais;*
- 5) obras de ficção - contos, poesias, romances, textos de tradição popular, teatro, livros de narrativas por imagens.*

13

Cada grupo de obras deve ser identificado por uma cor, para facilitar a localização por parte dos leitores e para auxiliar na hora de recolocar os livros nas estantes.

Depois, é preciso **catalogar os títulos**, isto é, fazer uma relação de todos os exemplares disponíveis e dar um número a cada um – chamado número de tombo. Isso poderá ser feito por meio de um arquivo no computador, por meio de fichas



ou do registro em um caderno específico. Nessas fichas, ou no caderno, deverão constar:

- *para as obras de ficção, de referência, documentários, obras teóricas: o título da obra, autor(es), editora e o número de tomo;*
- *para os periódicos: nome da publicação, ano/mês de referência e nº da edição, além do número de tomo;*
- *para outras obras, como fotografias, mapas, reproduções de obras de arte, cartões postais: título do trabalho, nome do autor, ano de publicação – se houver – e número de tomo.*

14

Essas fichas, ou as informações do caderno, devem estar organizadas de tal forma que permitam ao usuário/leitor e ao responsável pelo espaço localizar os livros disponíveis. Por isso, sugerimos que os títulos sejam agrupados – lembrar que para cada grupo você atribuiu uma cor - e, dentro de cada grupo, sejam organizados pelo último sobrenome do autor ou ordem de tomo, por exemplo: ANDRADE, Carlos Drummond de.

Como já dissemos, essas fichas ou caderno de registro devem facilitar a localização dos títulos disponíveis e, portanto, devem ser colocadas em local de fácil acesso, para que os leitores possam realizar as consultas sempre que necessário.

Pronto o registro, chega o momento de identificar cada uma das obras como pertencentes à escola. Para isso, escreva na primeira página – ou folha de rosto



- o número de tombo e o nome da escola à qual o livro pertence.

Agora, vamos preparar a **obra para empréstimo**: em primeiro lugar, será necessário confeccionar novas fichas – como no modelo a seguir – que deverão ser colocadas na terceira capa, quer dizer, na parte interna da última capa das obras. Você deverá colar um envelope dentro do qual irá colocar essa ficha de empréstimo. O objetivo dessa segunda ficha é controlar a entrada e saída das obras. Ela poderá registrar as seguintes informações:

Nome da escola ou da biblioteca/ sala de leitura		
Título da obra:		
Nome do autor:		
Número do tombo:		
Nome do usuário	Data da retirada	Data da devolução



Para cada empréstimo, deverá ser registrado o nome do usuário, a data em que a obra foi emprestada e a data de devolução. Após o registro, a ficha é retirada do envelope e guardada em um fichário específico para controle das obras que estão emprestadas. Assim, é fácil saber quem está com determinado título, quando foi retirado e em que data deverá ser devolvido. Também é possível acompanhar os casos de atraso e saber se uma obra está disponível no acervo.

Após a devolução da obra, a ficha deverá ser recolocada no envelope, para a próxima retirada.

Pronto! Agora é a hora de chamar os leitores!!!!!!!!!!

16

Se o espaço da leitura ainda não foi usado, é hora de inaugurá-lo. Convide os alunos, pais, irmãos, amigos para conhecer a biblioteca ou espaço de leitura e faça uma grande confraternização. Promova uma visita monitorada, como uma pequena excursão, e vá mostrando tudo o que esse espaço tem a oferecer: as obras, os espaços, as regras... Peça sugestões, incentive a participação da comunidade.

Se você ou outros professores da escola puderem, será interessante fazer uma surpresa: prepare a apresentação de um poema ou a leitura de um conto, ou, ainda, a encenação de uma peça teatral - obras desses gêneros foram disponibilizadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola. É muito interessante, também, incluir depoimentos de leitores – diretor, professores, pais - sobre suas experiências com os livros. Esses leitores poderão sugerir a leitura de algumas obras e explicar porque as indicam. Se houver a possibilidade de contar com um autor ou ilustrador da cidade, aí então.... o entusiasmo é garantido!



Como fazer uma visita monitorada? Essa visita pode ser feita em grupos: cada grupo terá um orientador, que pode ser um professor ou, melhor ainda, um aluno. Esses orientadores escolhem uma obra para apresentar ao grupo e buscam associá-la a outras pela aproximação com a temática ou o gênero, por exemplo. Os orientadores podem falar sobre as impressões que a obra causou, sobre outros títulos que se contrapõem ao ponto de vista do autor – é claro que os orientadores devem ter lido a obra – e estimular a participação do grupo. Também podem ser explorados aspectos como forma do volume, suas cores, texturas, tipos de letras, o tratamento visual dado à capa, à contracapa e ao miolo dos livros, as ilustrações da capa e do interior, os índices e a quantidade de páginas, enfim... esse é um passeio que não se esgota tão facilmente.

Também nesse passeio, é interessante criar momentos para manuseio dos livros e leitura individual ou em pequenos grupos. Dê tempo para que os visitantes tenham um contato maior com as obras: leiam, observem, escolham, comparem, troquem opiniões. Assim é possível conhecer melhor o que está disponível.

Organizar um sarau literário pode ser uma outra boa forma de apresentar o espaço de leitura e as obras para os alunos e seus familiares. Procure organizar o evento com antecedência. Proponha a participação de todos: pais, alunos, professores. Cada um escolhe – com antecedência – um texto para ler ou declamar em público, sem outro compromisso além da integração por meio de bons textos.

2. As várias possibilidades da leitura

Você já percebeu a quantidade de informações disponíveis em um jornal? A cada dia são veiculadas notícias, reportagens, entrevistas, sem falar dos editoriais, crônicas, contos, poesias, receitas, palavras cruzadas, horóscopo, anúncios classificados. Da mesma forma, as revistas periódicas trazem informações diversificadas, receitas de diferentes tipos e para todas as finalidades, passatempos, entrevistas com astros do momento. Outras publicações periódicas aproximam o leitor do universo científico, trazem informações sobre culturas distantes, sobre música e tantas outras coisas... E já pensou em como é gostoso ler uma história em quadrinhos, sem compromisso, só pelo prazer de estar ali, envolvido com uma historinha agradável?

Esses suportes de texto, ou seja, materiais em que os textos são transmitidos, que muitas vezes trazem apenas informações ligeiras, passageiras, ou histórias curtas, divertidas, são muito importantes quando se pretende inserir o aluno na sociedade leitora. Afinal, esses veículos são aqueles que circulam com maior frequência entre todas as camadas da população e devem ser considerados como objetos de leitura por excelência.

Já a leitura de textos literários envolve ainda mais elementos, como o trabalho ou a brincadeira com a linguagem – tanto na prosa como na poesia -, o estilo, as infinitas temáticas. O texto aqui, já não é só informativo, não tem como objetivo

19



apenas a busca pela informação, mas a busca por diferentes leituras, em função das experiências estéticas e da visão de mundo do leitor. A leitura de ficção é subjetiva. São inversões, metáforas, ambigüidades, ritmos, rimas, associações de idéias, narrativas envolventes, enfim, estratégias que têm como objetivo instigar, provocar, maravilhar, enredar - e por aí vai - o leitor (vale lembrar dos estudos sobre a relação entre literatura infantil e a formação da criança). A literatura é o lugar da arte, da criação, da inventividade; é um trabalho artístico com a linguagem e com as idéias.

Algumas obras foram produzidas para serem contempladas visualmente, para proporcionar a contemplação estética visual: é o caso das fotografias e das reproduções de obras de arte. Com elas você poderá explorar a percepção visual, a relação entre texto e imagem ou poderá simplesmente, agradecer o olhar.

20

É preciso lembrar também daquelas obras que nos socorrem nos momentos de dúvida: são as enciclopédias, os dicionários, as gramáticas. O acesso a esse tipo de obra é importante e necessário; afinal, é a esses materiais que recorremos sempre que precisamos de alguma informação complementar como o significado ou a regência de determinada palavra, o perfil de uma personalidade histórica, entre outras. Embora a função desses textos seja diferente, é preciso ter intimidade para aproveitar melhor as informações que nos são disponibilizadas.

A leitura nem sempre é apenas prazer. Na verdade, na maioria das vezes, lemos por necessidade. Porque, por exemplo, precisamos utilizar um equipamento ou fazer um novo prato com base em uma receita; queremos saber das últimas notícias; precisamos estar atualizados em nossa área do conhecimento; precisamos obter certa informação em um determinado momento; precisamos



estudar para uma prova ou concurso ou precisamos conferir um texto que escrevemos, entre inúmeros outros motivos. Nesses casos, o prazer decorre da consecução do objetivo que motivou a leitura.

O professor que pretende levar seus alunos à proficiência leitora precisa empenhar-se em fornecer variadas oportunidades, quer dizer, provocar situações diversas, em que a leitura se faça necessária por diferentes – e reais - motivos. Para cada tipo de leitura – por prazer, para estudar, para buscar uma informação rápida ou para saber o que ocorre no mundo – utilizamos determinadas estratégias. São estratégias que variam de um leitor para outro ou mesmo de um objetivo para outro: para obtermos o sinônimo em um dicionário ou para ler um poema utilizamos estratégias diferentes. Também dois leitores podem buscar a mesma informação em um mesmo texto e, para isso, utilizarem estratégias bastante distintas. A habilidade para transitar com competência entre os inúmeros tipos de textos e para buscar as informações de que se necessita é adquirida com a prática e com a orientação do professor. É preciso auxiliar os alunos a perceber que há vários tipos de leitura, cada um com seus objetivos e suas estratégias específicas. Para isso, o professor deve estar atento, promovendo o constante questionamento e propondo desafios que estimulem o reconhecimento e desenvolvimento dessas estratégias.

Mas atenção: se a proposta é inserir o aluno na cultura letrada, é indispensável dar a ele condições de buscar na leitura aquilo de que necessita - seja por fruição, seja por necessidade ou por um interesse pontual. Para lidar com desenvoltura com todos os gêneros de texto é preciso evitar preconceitos: todo texto pode abrir um leque de opções, e é, de alguma forma, um instrumento que poderá contribuir para a construção do conhecimento do leitor. É muito importante que o aluno confie na pessoa que está orientando sua leitura ou conduzindo sua

escolha por um texto. Por isso, busque o diálogo, instigue, pergunte, questione e, acima de tudo, valorize as escolhas e leituras dos alunos. Procure descobrir e conhecer quais são as opções de leitura das pessoas da comunidade. Quanto mais informações você tiver sobre as práticas leitoras do meio em que seus alunos estão inseridos, maiores serão as chances de proporcionar a ampliação dos referenciais estéticos e éticos desses leitores. Vale repetir que o mais importante é a leitura acrescentar novas visões de mundo, novas experiências e informações à bagagem do leitor. O objetivo da leitura na escola é fazer com que os alunos compreendam um texto escrito e possam optar, de forma consciente, por um ou outro texto, em função de seus próprios interesses.



3. A apropriação do texto escrito

Consideramos mediador(es) da leitura aquela(s) pessoa(s) que se interpõe(m) entre o leitor e o texto. Colocamos a possibilidade de mediadores plurais porque a mediação entre um leitor e um texto pode ocorrer em vários momentos. Na maioria das vezes, o que se imagina é que o professor, em sala de aula, apresenta um texto ou livro aos alunos, propõe a leitura e discute as variadas interpretações ou impressões que aquela obra suscitou. Mas pode-se imaginar uma situação em que todos os alunos discutem, debatem, trocam impressões e leituras entre si. Nesse caso, será que todos esses alunos não atuam como mediadores entre si? Outra situação que se pode pensar é aquela em que, além da obra, apresenta-se ao aluno uma resenha ou resumo comentado dessa obra. E aí, será que o autor da resenha, juntamente com o professor que a apresentou, não é um mediador? E o próprio texto, não será ele um mediador entre o leitor e o conhecimento que se apresenta?

23

Mediar origina-se do latim *mediare*, do adjetivo *médius* – “que está no meio ou entre dois pontos”. Assim, a mediação vem a ser a junção, a aproximação entre duas partes, como uma “ponte”. Mas mediar não é o mesmo que facilitar. Podemos considerar que mediar a leitura significa intervir para aproximar. Os mediadores de leitura instigam, provocam, estimulam o aluno no processo de apropriação do texto; procuram incentivar o estabelecimento de relações entre



as idéias que se apresentam e as experiências do leitor/aluno e buscam alternativas para que a leitura possa ganhar novas dimensões.

O papel do professor vai além da mediação. Assim como em todas as outras disciplinas nas quais o professor busca estratégias, planeja e organiza seus conhecimentos para promover a aproximação dos alunos de um determinado campo do conhecimento, com a leitura não é diferente. É preciso planejar, buscar novas e diferentes estratégias para aproximar o leitor do texto e, dessa forma, auxiliar os alunos no desenvolvimento de competências e habilidades de leitura. Desde os primeiros contatos com a leitura, é preciso “descobrir” caminhos que levem à apropriação do texto, para que o leitor possa dar sentido, forma, consistência àquele conteúdo.

24

O leitor proficiente e autônomo antecipa o texto, infere informações ou ações que não estão ditas, percebe e valida – ou não - a posição do(s) autor(es) com base em informações colhidas em outros textos ou outras fontes de informação e, muitas vezes, reformula suas próprias concepções a partir das leituras. Para chegar a todas essas habilidades, este leitor testou hipóteses, comparou e juntou informações, refletiu sobre o que leu, descartou muitos textos, buscou outros, ouviu opiniões de outras pessoas, resgatou suas memórias e suas experiências de leitura e de vida. É esse, então, o papel do professor: buscar muitas formas de levar a leitura para além texto e de induzir a reflexão e o debate para além da superfície do texto.

Em suma, todas essas habilidades são construídas com base na leitura, na reflexão, no debate, na mediação, na re-elaboração. Assim como são muitas as possibilidades da leitura, também são inúmeras as possibilidades de trabalho com/para a leitura em sala de aula e fora dela. É claro que não pretendemos dar



receitas ou garantir que essa ou aquela alternativa seja infalível, mas apresentamos, a seguir, uma série de propostas de trabalho com os diferentes tipos de textos. São apenas algumas propostas para que você discuta, aperfeiçoe, recrie, amplie.



4. Ampliando as leituras- algumas possibilidades

Obras de referência

Como já dissemos, as obras de referência são aquelas que têm a função de fornecer informações pontuais: dicionários, gramáticas, enciclopédias, mapas.... São obras que devem estar sempre à mão para consultas. Como seu uso demanda uma certa habilidade, quanto mais intimidade com elas, melhor. É preciso saber o que e em que tipo de obra procurar, saber como consultar; depois, localizar e, finalmente, selecionar, dentre as possibilidades, aquela informação que se adapta ao contexto e à necessidade do momento. Para adquirir essa “destreza” toda, os alunos podem explorar essas obras de várias maneiras. Inicialmente, sugerimos que o professor procure gerar situações em que elas sejam necessárias, como localizar uma rua ou bairro no mapa da cidade, apresentar aos colegas fatos históricos ou personalidades importantes da história local, buscar o significado de uma palavra desconhecida ou brincar com os diferentes significados de um mesmo vocábulo. No caso dos dicionários, o volume intitulado *Dicionários em sala de aula* traz uma gama variada de atividades para a exploração dessas obras.

À medida que os alunos forem adquirindo confiança, será possível instigá-los em buscas cada vez mais complexas e sugerir pesquisas mais elaboradas, que demandem a consulta a diferentes obras de referência.

27



A partir de uma notícia retirada de jornal, revista ou na internet sobre um estado ou país distante é possível explorar diferentes obras. Você pode, por exemplo, pedir que os alunos:

- (i) descubram onde ficam esses lugares;*
- (ii) pesquisem informações como moeda do país, língua oficial, número de habitantes, nome da capital e seu significado;*
- (iii) apresentem a biografia de uma personalidade histórica importante.*

28

Alguns temas são particularmente interessantes para motivar uma busca em enciclopédias, dicionários, almanaques, mapas e/ou atlas: acontecimentos atuais, fatos curiosos do cotidiano, filmes em cartaz, futebol, artistas ou bandas de música do momento. Como se pode ver, todos os temas pelos quais os alunos estejam interessados podem ser enriquecidos com a consulta a uma ou mais obras de referência.

Documentários

Que tal conhecer melhor a vida de personalidades que fizeram parte da nossa história? Ou elaborar uma receita nova? Ou, ainda, saber mais sobre aquelas plantas que nascem no fundo da escola? Dependendo das obras disponíveis, é possível instigar os alunos a conhecer fatos, pessoas ou lugares novos, refletir



sobre determinado tema, ou mesmo estimular a curiosidade por meio da leitura desse tipo de texto.

Relatos de viagem costumam agradar. Afinal, quem não gosta de conhecer lugares bonitos e aventuras interessantes? Algumas obras trazem, além dos textos, fotografias muito bem produzidas, que podem gerar novas leituras. Os relatos de viagem em forma de diários ou cartas costumam ter uma linguagem ágil e empolgante, capaz de provocar a curiosidade dos leitores, levando-os a buscar novas informações em fontes diversificadas. Cabe ao professor aproveitar as oportunidades para ampliar as referências culturais dos alunos. Procure, em agências de viagens, folhetos sobre turismo e utilize esse material para “motivar” a leitura desse tipo de obra. Aproveite para produzir cartões postais dessas regiões.

Outra idéia: motive seus alunos a inventar, também, suas próprias viagens. Para isso, eles poderão pesquisar sobre vários lugares e criar, assim, uma cidade ou país para “conhecer”. Depois, eles poderão apresentar aos colegas suas aventuras pelos locais “visitados”.

Já a **biografia** é uma forma de conhecer mais detalhadamente a vida de personalidades que fizeram ou fazem parte de nossa história. Atualmente, há biografias bastante acessíveis ao público mais jovem. Uma boa forma de introduzir os alunos nesse gênero é escolher alguém conhecido e começar a “contar a história” oralmente. Depois, quando a curiosidade aumentar, apresente a obra e provoque a leitura.

Você poderá, também, propor a produção de uma biografia. Primeiro, discuta com os alunos quem será a personalidade; depois, oriente-os a buscar

o maior número de informações possíveis sobre o biografado - para isso, valem todas as fontes, inclusive revistas de fofocas; o terceiro passo é selecionar as informações e organizá-las; finalmente, a criatividade vai funcionar: os dados podem virar livro, cartaz, mural ou o que mais a imaginação mandar.

Se a idéia parecer interessante, você poderá propor que os próprios alunos sejam os biografados. Essa atividade pode servir também para aproximar o grupo. Promova um sorteio em que cada aluno irá biografar um colega. Para facilitar, oriente o trabalho por meio de um pequeno questionário que servirá de roteiro para a pesquisa. Como conclusão, organize uma apresentação para socializar os resultados.

30 Periódicos

Revistas e jornais são um ótimo auxílio quando se pretende instalar o debate entre os alunos. Se for possível, procure ter exemplares de diversos jornais e revistas, proponha um confronto entre os pontos de vista e veja como uma mesma notícia pode ser veiculada de formas diferentes, levando o leitor a diferentes interpretações. A análise do tratamento diferenciado de notícias é um bom começo para conduzir os alunos a uma leitura crítica. Diferentemente da literatura, o texto informativo deve ter compromisso com a verdade e, por isso, é preciso refletir com cuidado sobre as informações veiculadas.

Provoque seus alunos, leve-os a tirar conclusões, a debater, a refletir e criticar as informações que estão recebendo.

Procure, também, levá-los a conhecer melhor a estrutura de um jornal ou



revista. Para isso, proponha um levantamento dos aspectos físicos - qual o formato, quantas seções, quais são elas, qual o nome da publicação, quantas páginas, periodicidade etc. - e editoriais - qual o objetivo, para quem está dirigido, qual a linha editorial, quais as manchetes ou notícias em destaque, entre outros aspectos. Se for possível, agende um passeio em alguma editora da cidade. Essas visitas costumam render bons frutos.

Quanto às histórias em quadrinhos... Nem é preciso falar! Além de divertir, elas podem ser um ótimo instrumento em sala de aula. Por ser um material de fácil acesso e aceitação pelos jovens e crianças, os quadrinhos costumam ser bastante utilizados como fonte de leitura e até como incentivo à produção de histórias pelos próprios alunos. É possível ampliar as experiências dos alunos iniciando pelas **histórias em quadrinhos**. Explore-as como narrativa ficcional, com personagens, enredo, cenários etc. Apenas tome cuidado para não transformar essa fonte de diversão em um pretexto para o estudo de conteúdos, o que é muito comum.

31

Outras coleções

Nesse grupo de obras podem ser incluídas aquelas de **conteúdo teórico** sobre a prática pedagógica e que podem ser um ótimo apoio para o trabalho em sala de aula, além de fomentar a reflexão sobre as formas de educar. A organização de uma estante com obras voltadas para a formação dos professores pode ser um incentivo para se iniciar um grupo de estudos. Converse com os colegas e veja se é possível encontrar um local de fácil acesso a todos os professores. De preferência, que esse local disponha de espaço para a reunião do grupo de docentes. Assim, será possível trocar informações, experiências e idéias de forma mais constante, por meio de encontros periódicos para discussão.



Também nesse conjunto podemos incluir **obras produzidas pela própria comunidade**, como mapas da cidade, folhetos turísticos, informações gerais sobre serviços, entre outros. Aproveite esse material para aprofundar os conhecimentos dos leitores sobre o lugar em que vivem ou para propor um passeio pelos pontos turísticos retratados. Que tal aproveitar e fazer uma pesquisa com os alunos em busca de materiais desse tipo?

A exploração das **artes visuais** é uma forma de exercício do olhar, um jeito divertido de experimentar outras leituras e modos de ver. Fotografias, reproduções de obras de arte, cartões postais, gravuras, proporcionam a ampliação das referências estéticas dos alunos. O pintor gaúcho Iberê Camargo (1914 – 1994) disse o seguinte: *“Só a imaginação pode ir mais longe no mundo do conhecimento. Os poetas e os artistas intuem a verdade. Não pinto o que vejo, mas o que sinto.”* Ao contrapor diferentes estéticas, os indivíduos vislumbram novas possibilidades de interpretação, são re-interpretações carregadas de significados de nossa experiência.

Procure apresentar aos alunos diferentes estímulos visuais – fotos, gravuras, pinturas, esculturas - e peça a eles que apontem semelhanças ou diferenças. Exercite, com eles, a verbalização das imagens, proponha questões sobre suas percepções: o que vêem, o que sentem, o que será que motivou a produção dessa obra, qual a idéia do artista? Que tipos de materiais ou recursos foram utilizados para que o artista obtivesse o efeito desejado? Por meio dessa conversa, leve-os a perceber que muitas imagens podem comportar um texto. Essa percepção estética permite o exercício da síntese, da análise e da crítica, condições indispensáveis para a formação intelectual e pessoal.

Outra idéia é fazer dos alunos interventores da obra de arte: desafie-os a, a

partir de uma obra – lida ou contemplada -, criar uma nova obra. Assim, você poderá oferecer uma gravura e solicitar aos alunos que produzam um texto ou poderá fazer o contrário: peça que os alunos escolham uma obra literária e, a partir da leitura, expressem suas impressões de leitura por meio de uma outra linguagem: pode ser foto, gravura, pintura, desenho, escultura etc. Além da apropriação do conhecimento cultural, essa proposta irá ampliar as possibilidades de desenvolvimento do potencial artístico e criativo dos alunos.

Há, disponíveis na internet, reproduções de arte de artistas plásticos e fotografos reconhecidos, além de gravuras e imagens muito interessantes. Se a escola ou o professor puder, vale a pena uma pesquisa em *sites* de busca e uma visita às páginas desses artistas. Com certeza, será possível encontrar uma variedade muito grande de material para enriquecer o dia-a-dia em sala de aula.

33

Obras de ficção

Chamamos de ficção os textos de **literatura** propriamente ditos, ou seja, aqueles em que a ficção, a fantasia, o trabalho artístico com a linguagem são a base da proposta. A narrativa contida nessas obras deve ser interessante, surpreendente e provocativa. Uma boa história incita o imaginário e amplia as possibilidades de interpretação do mundo, de pensar o outro e a si mesmo. A boa literatura não tem como finalidade trazer um ensinamento, um comportamento, um conteúdo ou um preceito moral. Antes de tudo, sua função é estética.

1) Textos poéticos:

Os textos poéticos caracterizam-se pela sonoridade, pelo ritmo, pelo jogo com as palavras e pelas possibilidades de interpretações decorrentes da subjetividade



do texto. Poemas, parlendas, quadras, trava-línguas, adivinhas, cantigas, são textos poéticos por excelência: neles, a linguagem é soberana. É por meio dela que se estabelecem os diálogos entre o autor e o leitor, que se evocam imagens e se criam sentidos.

Uma das características mais marcantes dos textos poéticos é a sonoridade. Vale lembrar que as primeiras experiências das crianças com a poesia são as cantigas de ninar, sucedidas pelas cantigas de roda. E essa familiaridade com o ritmo e com as rimas facilita a aproximação entre o leitor e o texto. Para aproximar os leitores da poesia, procure resgatar essas brincadeiras de repetição ou rimas tão ao gosto dos mais jovens. Sugira, por exemplo, a percepção do ritmo presente em poemas já conhecidos. Essa atividade pode ser feita com palmas ou sons provocados por batidas em diferentes partes do corpo ou com objetos que produzam sons interessantes: latas, garrafas d'água, copos plásticos, pedaços de madeira.

Proponha ao grupo outra tarefa: escolher um poema para ler em voz alta e, quem sabe, interpretar, ao estilo de uma leitura expressiva. Chamamos leitura expressiva aquela em que o texto é lido de forma enfática, teatralizada, mas com o olhar sobre o texto. Essa atividade pode ser feita, inclusive, com vários leitores, cada um responsável por uma parte do poema.

A associação entre som e letra, ou entre o poema e a melodia pode ser uma forma de refinar a sensibilidade dos alunos. Com um pouco de atenção, é possível perceber, em textos poéticos escritos, que tipo de melodia pode ser “encaixada”. É interessante mostrar aos alunos que a própria densidade ou tensão de um poema o aproxima de um ou outro tipo de melodia, como acontece com as trilhas sonoras de filmes. Um professor de música pode ser uma boa parceria nesse

trabalho. Proponha aos alunos associar melodias a poemas. Por exemplo: descubram poemas que combinem mais com o rap, o forró, o pagode etc. É muito comum que um texto poético se torne uma letra musical. Também é fácil encontrar letras de músicas que, se apenas lidas, são poemas por excelência. Pesquise alguns poemas musicados e os apresente aos alunos como forma de reforçar a relação entre a forma poética e o ritmo.

Você já deve ter lido ou visto textos poéticos em formatos bastante livres – em forma de bichos, plantas, formas geométricas. É que muitos poetas usam esse jogo entre o conteúdo e a forma para expressar-se artisticamente. Essa forma de poesia ideográfica é chamada de poesia concreta. Seu refinamento é a poesia visual, na qual o verso é quase ou totalmente inexistente e, em alguns casos, a própria palavra é dispensável. Hoje, com os recursos do mundo virtual, está cada vez mais comum vermos obras poéticas compostas por vários elementos, às vezes até sem palavra escrita. As poesias concreta e visual proporcionam experiências de sentido riquíssimas, que devem ser exploradas. Afinal, antes de aprender a decodificar as letras, aprendemos a reconhecer imagens. Então, porque não aproveitar esses recursos iconográficos para proporcionar mais um contato com a multiplicidade de interpretações decorrentes da subjetividade da produção artística?

2) Contos, crônicas, tradição popular:

Os **contos** são formas narrativas menos extensas que o romance ou a novela. Por demandarem menos tempo de leitura, costumam ser bastante procurados. Também por ser mais curto, esse tipo de texto precisa de elementos que garantam a emoção da leitura. Assim, a densidade da narrativa, a concisão e a precisão



devem conduzir o conto. De acordo com alguns autores, há diferentes tipos de contos:

- **tradicional:** *a narrativa se encaminha para um desfecho surpreendente, que provoca impacto no leitor;*
- **psicológico:** *o clima é mais sutil, revelando aspectos psicológicos que são mais importantes que a conclusão inesperada;*
- **social:** *busca apontar e denunciar os valores corrompidos da sociedade;*
- **alegórico:** *nos quais os acontecimentos sugerem a realidade simbolicamente, fazendo com que o leitor penetre em um universo fantástico ou surreal.*

36

Os contos costumam ser publicados em antologias organizadas segundo critérios específicos: há antologias temáticas, nas quais os textos desenvolvem o mesmo tema; há antologias de época, nas quais são apresentados textos representativos de um determinado período; há também aquelas organizadas segundo o subgênero (antologia de contos de horror, por exemplo), entre outras formas de organização. Esses conjuntos de texto oferecem outra boa oportunidade de comparação intertextual, levando-se em conta os critérios comuns que motivaram a reunião. São muitas as formas de relacionar estilos, personagens, situações, sentimentos, entre outros aspectos, em textos de diferentes autores ou escritos por um mesmo autor.



Produza, com os alunos, pequenas histórias orais ou escritas recheadas de elementos de ação, mistério, amor e procure comparar essas narrativas aos contos que a turma já conhece. O que mudou? Quais as semelhanças? Você verá quantos autores tem em sala. Proponha, também, a dramatização ou a leitura dramática de pequenos contos na própria sala de aula. No começo, escolha uns bem engraçados, para os alunos “entrarem no clima”.

Há bons contos que não passam de duas páginas. Selecione alguns desses textos e promova a semana do conto: a cada dia, inicie as aulas pela leitura de um deles.

Quando se fala em contos, não podemos esquecer, é claro, dos contos de fadas, que enchem a imaginação de adultos e crianças. Esses clássicos universais merecem atenção especial, pois, apesar de atravessarem séculos, essas narrativas sempre têm – e terão - o que dizer, por isso mesmo é que são clássicos. Bruxas, fadas, duendes, príncipes encantados e donzelas indefesas povoam o imaginário de crianças de todas as épocas. Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen resgataram histórias em que o maravilhoso, o fantástico, o encantamento tornam mais leves e suportáveis nossas angústias, segundo Bruno Bettelheim, autor do célebre “A psicanálise dos contos de fadas”. Como foram re-escritos por muitos autores ao longo do tempo, esses contos têm versões diferentes. Pergunte aos alunos sobre suas versões, proponha uma contação de histórias, onde cada um conta da sua maneira. Depois, faça uma pesquisa e veja se é possível encontrar uma versão diferente daquelas que os alunos contaram e apresente-a para leitura. A comparação entre as versões pode render um bom debate. Aproveite, também, para tratar das diferenças entre a narrativa oral e a escrita.

37



Se a turma ficar animada, proponha uma pesquisa sobre os textos de tradição oral – os contos de fadas são, na verdade, recontos da tradição popular oral – que passaram para a cultura escrita e hoje são clássicos. O conto oral era a forma de preservar a memória do povo, mas era também uma fórmula para procurar explicar fatos inexplicáveis – como as lendas – ou para tentar entender características dos homens, como os sentimentos contraditórios e a dicotomia bem/mal – como nos contos de fadas. Nossa cultura é rica em textos de tradição popular, como as lendas. Também são muitos os personagens folclóricos – Saci, Cuca, Curupira - e as histórias que fazem parte do imaginário popular. Cada região – ou até cada estado – tem sua própria lenda e seus seres mitológicos.

Às vezes, uma mesma história muda de um estado para outro. Esta pode ser uma pesquisa de fôlego: além de levantar as histórias – procure aquelas menos conhecidas – é interessante discutir as semelhanças e diferenças entre elas em função das regiões ou da intenção da narrativa.

Falar de folclore e tradição oral sem mencionar Monteiro Lobato não teria a menor graça. E o que dizer de seus personagens inesquecíveis? E o encanto que nos proporcionam as aventuras de Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia com o Saci e a Cuca? A adaptação de textos literários para a TV traz a vantagem de “popularizar” a literatura, ou seja, a TV leva o texto literário para milhões de espectadores e, assim divulga o trabalho de autores que, de outra forma, não seriam conhecidos. Levar os alunos a resgatar essas obras literárias transformadas em filme ou seriado – como o Sítio do Pica-pau Amarelo - é uma boa maneira de inseri-los no universo das histórias populares.

Outro tipo de texto que costuma agradar é a **crônica**, não apenas pela extensão, mas porque trata de acontecimentos corriqueiros, próximos do universo de

referências dos leitores. Crônicas são narrativas curtas, cujo foco é um acontecimento ou situação que o cronista viveu ou observou. Cada cronista imprime seu estilo e seu tom sobre o fato que relata: ninguém conta a mesma história da mesma maneira, não é? Podemos falar em três tipos de crônica, que muitas vezes se confundem, de acordo com intenção do autor.

- **Crônica lírica ou poética:** retrata aspectos sentimentais, nostálgicos, melancólicos do cotidiano. Às vezes, é a contemplação de uma paisagem ou de um momento, às vezes lembrança de fatos, locais ou pessoas;
- **Crônica de humor:** procura provocar o riso nos leitores por meio do tratamento dado à linguagem ou pela própria situação retratada. Muitas vezes, esta é uma crítica irônica e bem-humorada de comportamentos sociais;
- **Crônica-ensaio:** busca, por meio do texto, apontar ao leitor uma visão crítica da realidade sob o ponto de vista de uma determinada ideologia. Normalmente tem uma linha de argumentação, como em um ensaio.

39

Trabalhar com crônicas pode ser muito divertido e estimulante. A linguagem costuma ser ligeira, coloquial, leve; e a temática, como já dissemos, próxima ao universo dos alunos.

É possível encontrar crônicas de bons autores em revistas ou jornais de circulação diária. Então, comece por organizar um mural com crônicas publicadas recentemente nesses meios. Procure atualizar seu mural semanalmente - que



tal fazer um mural temático por semana? - e aproveite para solicitar a ajuda dos alunos, que poderão trazer textos de casa e organizar-se para selecionar aqueles que irão para o mural. Estimule os alunos a conhecer os textos que estão expostos e discuta com eles os assuntos das crônicas.

A exemplo do que sugerimos para o trabalho com os contos, agora tomando por base a observação de acontecimentos do universo escolar, familiar ou da comunidade, proponha a produção de pequenas narrativas ao estilo das crônicas. Procure apresentar aos alunos bons cronistas e faça comparações quanto aos temas e aos estilos. Isso irá facilitar a identificação com esse tipo de texto e fornecerá aos alunos elementos importantes para a produção de seus próprios textos.

40

3) Romance e novela:

São narrativas que precisam ser lidas em partes, ou em capítulos, pois são obras de maior fôlego, quer dizer, são mais longos, têm enredos mais complexos, mais personagens, tramas mais elaboradas.

Uma boa maneira de inserir os leitores nesse tipo de obra é a leitura em voz alta por parte do professor. Leia pequenos trechos por dia, em diferentes momentos, ou então, comece a aula pela leitura. Suspenda-a em um momento de tensão - isso irá despertar a expectativa para a continuidade - e retome no dia seguinte. Mas muito cuidado, certifique-se de que a narrativa está agradando. Lembre-se de que a intenção é promover – e não impor - o acesso do aluno ao circuito cultural.

Uma boa aproximação é propor à turma a leitura da apresentação ou do texto da



quarta capa e tentar descobrir informações sobre o enredo, personagens, ambientação e outras informações. Depois, os alunos podem fazer uma exposição oral sobre a obra: será que é um bom texto? Prende a atenção? Quem é a personagem principal? Onde se passa a história? Que tipo de novela/romance é: terror, amor, aventura – lembre-se: assim fazem os leitores quando escolhem um livro.

Faça uma votação para escolher uma obra para leitura compartilhada – aquela em que o professor ou um aluno lê em voz alta para os demais. Planeje, previamente, a leitura seqüenciada da obra, lendo um ou mais capítulos a cada vez. Finalizada a leitura de cada parte, discuta-a com a classe, relacionando-a às que já foram lidas e estimulando os alunos a antecipar os eventuais rumos que a narrativa possa tomar, criando expectativas para a leitura dos episódios seguintes. Durante a discussão, aproveite para introduzir informações a respeito da obra, de seu autor, do contexto em que a história foi produzida, da articulação que ela estabelece com outras, enfim, dados que possam contribuir para uma melhor compreensão do texto.

41

4) Teatro:

Diferentemente de gêneros como o conto e a novela, em que predomina a narrativa, isto é, em que um narrador (quando o texto é narrado na terceira pessoa) ou uma personagem (quando é narrado na primeira) conta o que aconteceu, na peça teatral são os próprios personagens que dialogam entre si. Por esta razão, uma peça de teatro só adquire vida se encenada. Para garantir a encenação, o texto teatral traz informações importantíssimas sobre o tom de voz dos personagens, o tipo de roupa, os gestos, composição do cenário, entre outras. Cada cena ou fala é meticulosamente descrita para que o leitor e aqueles que



pretendem encená-la possam “visualizar” o texto. Ler um texto teatral em sala é uma ótima oportunidade de inserir os alunos no universo dramático.

Proponha uma leitura dramatizada ou com recursos teatrais como fantoches e bonecos de vara, fantasias e adereços. A encenação é o objetivo do texto. Sua leitura pressupõe, portanto, que se busquem com os alunos maneiras de viabilizar a dramatização, seja improvisando, adaptando ou de forma mais elaborada. Dessa atividade principal, inúmeras possibilidades de mobilizações certamente acontecerão quando os alunos se depararem com os desafios da distribuição de papéis, da definição da marcação cênica (a movimentação que os atores devem fazer), da definição de uma sonoplastia básica etc.

42

Se for possível, leve os alunos para assistirem a uma peça teatral ou então procure um grupo de teatro que faça apresentações em escolas – existem muitos. Aproveite para fazer uma hora de perguntas, quando os alunos poderão satisfazer suas curiosidades sobre esse tipo de espetáculo. Antes disso, é claro, converse com os alunos sobre o texto teatral e leia, com eles, uma peça de teatro.

5) Livro de imagem:

Chamamos livros de imagens aqueles em que a narrativa está centrada em ilustrações, fotografias ou outra forma de representação pictórica - por meio de imagem. Diferentemente do texto escrito, em que a elaboração da linguagem é que dá margem às múltiplas possibilidades de interpretação, em um livro de imagem são os traços, as nuances, as sutilezas que o fazem. É um tipo de texto que oferece várias possibilidades de interpretação. Dependendo da bagagem e do olhar do leitor, cada um busca, no livro de imagem, aquela narrativa que lhe



parece mais plausível. Assim, em uma turma, poderá haver tantas possibilidades de interpretação quantos forem os alunos e esse é o grande caminho para o professor: instigar e possibilitar o maior número possível de leituras, ampliando o universo de significações. Para isso, será preciso chamar a atenção dos alunos para todos os detalhes, tanto para parte gráfica - técnica utilizada (pintura, desenho, colagem), recursos como cores, sombras etc, ou enquadramento, foco, ângulo - quanto para as narrativas subliminares ou interpretações viáveis.

Os livros de imagem, portanto, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, não são apenas voltados para aqueles que ainda não dominam o código escrito, mas para todos que desejam exercitar o olhar ou que buscam ampliar a percepção estética. Assim como na poesia visual ou concreta – da qual já falamos rapidamente - os autores/artistas plásticos desses livros de imagens expressam-se artisticamente e ampliam a leitura do mundo por meio de seus traços, do uso de cores, de fotografias ou de construção de imagens em três dimensões, como na escultura. Há muitos livros que utilizam outros recursos além da palavra e proporcionam um verdadeiro encantamento visual.

Associar texto e imagem sempre rende bons frutos. Já sugerimos a você propor aos alunos a interpretação ou releitura (que vem a ser uma reinterpretação pessoal) de um texto escrito por meio de outras linguagens – pintura, colagem, escultura - ou o contrário: a produção de um texto a partir da contemplação de uma imagem, por exemplo. Unir diferentes formas de expressão é muito importante para que os alunos tenham a oportunidade de transitar entre universos estéticos diferentes, mas complementares. Além disso, a educação do olhar é também importante para o despertar da análise crítica. Não se pode esquecer que toda leitura, inclusive de imagem, é diretamente influenciada pela experiência de vida do leitor.

Os leitores que ainda não têm um bom domínio da leitura podem tirar bastante proveito da observação cuidadosa das imagens. Para isso, o professor deve explorar a leitura não-verbal, para que os educandos possam perceber o não-dito, mas que está subentendido ou explícito na imagem; deve levá-los a interpretar a relação que se estabelece entre as imagens e o texto escrito, de forma a favorecer a construção de sentidos por parte desses alunos.

5. O que pode fazer a escola

“Não é a leitura que conduz o indivíduo a novas formas de inserção social. É, ao contrário, o tipo de vínculo que ele estabelece que pode conduzi-lo eventualmente a ler certas coisas de certo jeito. A leitura, mesmo feita em recolhimento, não é um comportamento subjetivo, uma questão de hábito ou de postura, é uma prática inscrita nas relações histórico-sociais.” (Britto, 2003)

45

Antes de encerrar, é importante retomar algumas considerações que pontuamos ao longo do texto. A primeira delas diz respeito ao papel da biblioteca como um espaço privilegiado, em que se dá o encontro do leitor com as diversas formas de registro do conhecimento. É nesse espaço, também, que pode se estabelecer o diálogo entre indivíduos que compartilham informações, impressões, experiências. É importante que esse local seja agradável e ofereça condições para a interação entre os sujeitos e para a apropriação de informações por parte dos leitores. Quanto maiores as oportunidades de diálogo, tanto melhores serão as trocas de experiências. Quanto maiores as oportunidades de leitura, maiores serão, também, as possibilidades de se formar leitores autônomos.



Falamos, também, sobre o que consideramos leitura. Vimos que ler é levantar hipóteses, testá-las, confirmá-las ou não, resgatar informações e experiências anteriores, associá-las às novas informações. Ler é também, debater, confrontar idéias, agregar informações. Concluímos que o conceito de leitura está diretamente ligado a outros como intervenção, apropriação, ressignificação, participação, cidadania.

Outro ponto que tentamos enfatizar é que, quando se trata de leitura, não cabe falar em “ensinar” ou “aprender”, mas em “mediar”, “apresentar”, “auxiliar” e “dar a conhecer”, porque é isso que se espera da escola: proporcionar situações reais de leitura; ajudar no estabelecimento de relações entre a leitura que se realiza na escola e a que se realiza na sociedade; oferecer ao aluno as condições materiais e imateriais necessárias para o pleno desenvolvimento de suas capacidades, habilidades e aptidões. Para isso, a escola irá utilizar instrumentos de informação que circulam socialmente e propor atividades elaboradas com o objetivo de ajudar o aluno a explorar e estabelecer suas próprias estratégias de leitura, que vão depender, entre outros aspectos, do tipo de texto e da finalidade dessa leitura.

Não poderíamos encerrar esse documento sem enfatizar que o mediador deve ser, antes de tudo, um leitor cujo papel é o de colocar-se como “ponte” entre o texto e o aluno. Para tanto, o mediador deve construir uma relação em que o respeito, a autonomia, o diálogo, o questionamento entre os sujeitos sejam condições indispensáveis para a convivência.

6. Conhecendo um pouco mais



há, no mercado e em boas bibliotecas, obras que se dedicam à reflexão sobre a cultura letrada, à promoção da leitura e à pesquisa nessa área. Na relação abaixo, apresentamos algumas dessas obras. Há títulos recentes, outros mais antigos - que se tornaram clássicos -, outros recentemente reeditados e ampliados, mas, sem dúvida, todos importantes para auxiliar professores e mediadores de leitura na tarefa de promover o debate sobre a formação de leitores autônomos. Lembramos que essas são apenas algumas poucas indicações; as opções não se esgotam aqui e sempre é possível encontrar boas obras quando se entra no mundo dos livros.

Não há, entre os títulos, uma categorização, embora isso fosse possível, uma vez que há obras que abordam a leitura, outras tratam da competência leitora, outras são obras voltadas para a história da leitura ou da formação do leitor e há aquelas cujo foco é o leitor literário ou o texto literário para crianças e jovens. Assim, optamos por uma classificação alfabética, deixando ao leitor a tarefa de organizá-los.

47



ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

Para quem quer ampliar horizontes e conhecer mais a fundo a história da leitura e do livro, ou melhor dizendo, do texto escrito no Brasil, este livro é uma excelente oportunidade. São 28 pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, que se propõem a traçar um histórico dos percursos do texto escrito e das formas de ler. Nas palavras da autora, a obra “toma parte na construção da história da leitura e do livro, examinando diferentes modalidades de comunicação (oral, manuscrita, impressa, hipertexto) e diversas formas e gêneros dos artefatos da cultura letrada (correspondência, cordel, folheto, brochura, almanaque, revista, jornal).” Atenção para o texto de Marisa Lajolo - “*O preço da leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista*”, no qual a autora apresenta o leitor Gonçalves Dias e narra as relações conflituosas entre autor e editores. Para quem quiser conhecer os primórdios dos livros escolares, sugere-se o texto de Antônio Augusto Gomes Batista – “*Papéis velhos, manuscritos impressos: paleógrafos ou livros de leitura manuscrita*”.

AGUIAR, Vera Teixeira de. (org.) *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

Como o próprio texto diz, este livro pretende “servir de instrumento de apoio à formação de educadores voltados para a leitura”. E a obra faz isso muito bem. Dividido em nove capítulos, o texto trata de temas importantes, como o conceito de literatura infantil e sua história, as características psicocognitivas do desenvolvimento infantil, os gêneros literários e o trabalho com cada um deles, entre outros. Entremeadas ao texto, há quatro seções interativas: “*Você sabia que...?*” traz informações ligeiras, para simular, segundo a organizadora, “uma

forma de aprender aleatória, ocasional”; “*Rabiscos*” busca mobilizar os conhecimentos prévios do leitor, por meio de alguma reflexão ou lembrança; “*Ponto de vista*” estimula o debate e instiga os leitores a elaborar suas opiniões e “*Mãos à obra*” propõe atividades práticas para serem desenvolvidas na escola. O texto é um convite à leitura e, conseqüentemente, à reflexão.

BOJUNGA, Lygia. Livro – *Um encontro*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

Não se trata de uma teoria sobre o livro ou uma análise sobre as competências leitoras ou sugestões de atividades, mas de um texto que resgata ou desperta o leitor ainda desconhecido. Autora de diversos livros infantis e juvenis, Lygia Bojunga narra, nesta obra, sua relação com os livros: primeiro seus momentos de descoberta como leitora e em seguida como escritora. Em linguagem ágil e com passagens memoráveis, este relato autobiográfico proporciona bons momentos de leitura e pode contribuir para aproximar o leitor do universo dos livros. Destaque para o conceito de leitora: “*uma leitora, quer dizer, um ser de imaginação ativa, criativa.*”

49

CAMPELO, Bernadete et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Os autores, pesquisadores do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da Escola de Ciência da Informação da UFMG, têm como foco a biblioteca escolar e, dessa forma, apresentam nessa coletânea uma série de reflexões e orientações para o trabalho naquele espaço. São textos curtos, em linguagem leve, mas que discutem desde o conceito de competência informacional até a organização do

acervo e do espaço físico. Destaque especial para os textos “*Internet e pesquisa escolar*” e “*A internet na biblioteca escolar*”, de Maria da Conceição Carvalho e Márcia Milton Vianna, respectivamente.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

O livro é resultado da pesquisa realizada por Teresa Colomer na Espanha. Dividida em duas partes: “*A evolução dos estudos sobre literatura infantil e juvenil*” e “*A narrativa infantil e juvenil atual*”, a obra apresenta uma análise detalhada da evolução, ao longo dos anos, dos textos para crianças e jovens. Vale a pena conhecer, também, a obra “*Ensinar a ler, ensinar a compreender*”, editora Artmed, de Teresa Colomer e Anna Camps, que recebeu o prêmio Rosa Sensat de Pedagogia.

50

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (orgs.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

O segundo volume decorrente de “O Jogo do Livro” traz estudos que contemplam as “facetas” “cultural, política, pedagógica, estética, psicolingüística” da leitura, como avisam as organizadoras. Os textos da primeira, segunda e quinta partes: “*A Escolarização da Leitura Literária*”, “*Leitura, Política e Cultura*” e “*Formação de Leitores-Professores*”, respectivamente, são especialmente recomendados por abordarem questões que afetam o cotidiano do professor em sala de aula.



FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1983.

Reflexão obrigatória para todos os professores e não apenas para aqueles que atuam com educação de jovens e adultos, este livro é fruto de uma palestra proferida na abertura do Congresso de Leitura do Brasil, em 1981, na qual Paulo Freire narra sua experiência com alfabetização de adultos desenvolvida na República Democrática de São Tomé e Príncipe. A atualidade de Paulo Freire reside em suas reflexões, que têm um caráter universal: “*Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo da realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade*”. Mas reside, também e principalmente, na própria realidade, que parece imutável ao longo desses anos.

51

KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. trad. e adapt. Bernadete Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Quem quer sugestões práticas de atividades vai encontrar, neste livro, boas opções. Este guia é, na verdade, um programa “de atividades sequenciais, a ser iniciado a partir do momento em que a criança começa sua formação escolar (...)”. A obra é dividida em três grandes capítulos, além da introdução. Cada capítulo, por sua vez, é dividido em três partes: a primeira apresenta as características da fase de desenvolvimento, ou estágio, dos alunos; a segunda parte traz os objetivos a serem alcançados nessa fase e a terceira apresenta sugestões de atividades, todas voltadas para a leitura e a escrita. O mais interessante é que a proposta não se concentra apenas em estimular a leitura ou



a explorar o texto literário, mas em favorecer o desenvolvimento de habilidades necessárias para, como diz o livro, “lidar com a informação”, ou seja, estimula e induz o aluno à pesquisa, contribuindo para a formação de um leitor capaz de localizar, analisar e julgar as informações e transformá-las em conhecimento.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

As autoras são referência quando se trata de literatura infantil e, embora não seja uma obra recente, seu conteúdo promove um aprofundamento necessário para quem quer conhecer melhor as teias que envolvem a história cultural da formação da leitura no Brasil e todas as relações que se estabelecem para que se chegue a ter um público leitor.

52

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

A obra, como a própria autora define, é “um convite acompanhado de um mapa”. Em prosa ligeira, Ana Maria Machado apresenta, ou reapresenta, os grandes clássicos universais - e não apenas aqueles voltados para o público jovem – e provoca no leitor a curiosidade, o desejo da leitura ou então evoca lembranças de um texto esquecido. A cada capítulo, o leitor se depara com uma infinidade de obras que fazem parte daquilo que a autora chama de “herança cultural” e da qual devemos nos apropriar, porque nos pertence. É uma obra que conduz o professor em seu trabalho de garimpar bons textos e de perceber, nos textos clássicos, aspectos importantes para a formação do leitor cidadão do mundo.



OLIVEIRA, Ieda de. (org.) *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil – com a palavra o autor*. São Paulo: DCL, 2005.

Esta obra tem uma proposta inusitada, já explicitada no título. São artigos de Gustavo Bernardo, Ricardo Azevedo, Ieda de Oliveira, Flávio Carneiro, Leo Cunha, Carlos Augusto Nazareth, Luiz Antônio Aguiar, Celso Sisto, Rogério Andrade Barbosa, Anna Cláudia Ramos e Bartolomeu Campos Queirós, além dos depoimentos de Alice Vieira, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Pedro Bandeira, Rosa Amanda Strausz e Tatiana Belinky. Com o objetivo de definir o que é qualidade na literatura para crianças e jovens e apontar as características que conferem a esses textos a condição de obra literária, os autores oferecem ao leitor textos muito agradáveis e, ao mesmo tempo, bastante importantes para quem se propõe a promover a leitura literária entre crianças e jovens. Indicamos, em especial, os artigos de Ricardo Azevedo, Ieda de Oliveira e Flávio Carneiro.

53

PAIVA, Aparecida et al. (orgs.) *No fim do século: a diversidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Terceiro fruto de “O Jogo do Livro”, este volume propõe a discussão “sobre a diversidade de suportes, gêneros e de leituras que caracterizam o final do século XX (...)”. De fato, os textos são divididos em dois blocos. O primeiro comporta textos sobre a diversidade de narrativas, o teatro, a poesia, os suplementos infantis de grandes jornais, entre outros. O segundo bloco trata especificamente das diferentes formas de recepção do texto escrito. Não deixe de ler a pesquisa “Práticas socioculturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes”, relatada em *Conhecendo novas práticas de leitura e escrita*.



PASCHOAL LIMA, Regina Célia de Carvalho. (org.) *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

De leitura mais densa, os textos que compõem esta coletânea fornecem muito material para o professor e para o profissional que atua em bibliotecas escolares. O leitor vai encontrar diferentes abordagens sobre a leitura, escritas por especialistas de áreas do conhecimento diversas, como Linguística Aplicada, Psicanálise, Psicologia, Análise do Discurso. Como o título já sinaliza, são múltiplos olhares que se entrelaçam, mas guardam suas especificidades. É uma leitura que demanda um empenho extra, mas fornece uma bagagem importante para o leitor.

54

PAULINO, Graça. (org.) *O jogo do livro infantil – textos selecionados para a formação de professores*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

O Jogo do Livro é um evento realizado, desde 1995, a cada dois anos pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG. Anualmente, o CEALE publica uma obra contendo os textos apresentados no evento. Neste primeiro volume, estão reunidos textos de autores bastante heterogêneos, e que, por isso mesmo, proporcionam um diálogo muito produtivo sobre as questões que envolvem o livro infantil e seus leitores. Destaque para os textos de Regina Zilberman, *Começos da literatura para crianças no Brasil*, pela reflexão histórica; de Luiz Percival Leme Britto, *A criança não é tola*, pela reflexão política e pedagógica e para o breve texto de Bartolomeu Campos Queirós, *Menino Temporão*, pela delicadeza do texto.



SILVA, Ezequiel Theodoro da. (coord.) *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

A internet passou a fazer parte da vida da maioria dos brasileiros e, como consequência, trouxe mudanças nos modos de ler: “navegar nos oceanos da internet significa acionar novas atitudes, novas competências e habilidades, a fim de manejar a escrita digital”. Analisar a leitura no ambiente da internet e suas implicações é o objetivo dessa obra. O mais interessante é que, segundo o organizador, os textos que compõem o livro foram fruto de reflexões conjuntas dos quatro autores - Ezequiel Theodoro, Fernanda Freire, Rubens Queiroz de Almeida e Sérgio Ferreira do Amaral - realizadas a distância, por correio eletrônico. A estrutura da obra permite “visualizar” essa produção: o primeiro capítulo é o “*Texto Gerador*”, que foi a base para as discussões. O segundo capítulo apresenta quatro textos, um de cada autor, cada um dos textos seguido de comentários dos outros três autores, como em uma conversa por meio eletrônico. O terceiro capítulo – intitulado “*Rodada final*” – traz mais um texto de cada um dos autores. O último texto “*Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios*” é especialmente recomendado para os professores.

55

TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzmann. (orgs.) *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

As organizadoras e professoras da Universidade Federal de Goiás se propõem a discutir e analisar crítica e esteticamente a criação literária para jovens e crianças. São 14 ensaios divididos em cinco blocos: o primeiro trata da crítica literária e discute o status da literatura infantil como objeto estético; o segundo analisa os personagens Robin Hood e Alice; o terceiro bloco trata da obra de Monteiro

Lobato; o quarto é dedicado à análise da poesia – trata também da prosa poética de Bartolomeu Campos Queirós – e a quinta parte analisa as novelas para jovens, entre elas “*O Sofá Estampado*” de Lygia Bojunga e “*Ana Z., onde vai você?*” de Marina Colasanti. A análise das obras fornece ao professor elementos para que ele possa, também, fazer um outro tipo de leitura, além da fruição do texto literário, sem perder de vista a qualidade artística.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Os primeiros ensaios que compõem esta obra apresentam ao leitor um painel da história sociocultural da infância e das publicações para o público infantil. Em um segundo momento, a autora faz uma análise cuidadosa de algumas narrativas voltadas para o público infantil, para mostrar a “*rica contribuição que [a literatura infantil] proporciona a qualquer indagação bem intencionada sobre a natureza do literário*”. Este texto já se tornou leitura básica para aqueles que buscam entender a literatura infantil brasileira.



Bibliografia

BRASIL. Manual Básico da Biblioteca da Escola, MEC, FNDE, 1998

BRASIL. Manual Pedagógico da Biblioteca da Escola, MEC, FNDE, 1998

BRASIL. Programa Nacional Biblioteca da Escola 2003, encartes de 4ª série, 8ª série e EJA.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas Impertinentes, www.leiabrasil.org.br, acesso em junho/06.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Camargo, Iberê, in <http://iberêcamargo.uol.com.br>



